



pré-história gestos intemporais

À primeira vista, o Baixo Côa distingue-se sobretudo pelo carácter *sui generis* e quase único dos seus sítios pré-históricos. Contudo, uma análise historiográfica mais penetrante, revela-nos também que, para além dos “lugares” arqueológicos de especial relevância patrimonial, este território caracteriza-se de igual modo pela original abordagem e interpretação de alguns desses sítios por parte dos investigadores que aqui trabalham, e pelo impacto que as suas interpretações tiveram e têm nos discursos em torno da Pré-história peninsular e mesmo europeia.

01

pré-história gestos intemporais

**III congresso
de arqueologia**
trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque
Arqueológico
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



Governo da
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



01

pré-história
gestos intemporais

**III congresso
de arqueologia**
trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

Índice

- 04 **prefácio**
Emílio António Pessoa Mesquita
- 05 **introdução**
André Tomás Santos, Jorge Sampaio e João Muralha
- 07 acta 1
Fariseu - Cronologia e interpretação funcional do sítio
Thierry Aubry e Jorge Sampaio
- 31 acta 2
Fauna mamalógica do sítio do Fariseu
Sónia Marques Gabriel
- 38 acta 3
Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa)
António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia
- 62 acta 4
Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro.
António Martinho Baptista e Mário Reis
- 96 acta 5
Indicadores paleoambientais e estratégias de subsistência no sítio pré-histórico do Prazo (Freixo de Numão - Vila Nova de Foz Côa - Norte de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues, Isabel Figueiral e José António López Sáez
- 120 acta 6
Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989 - 2006)
Lídia Baptista, Sérgio Gomes, Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Lurdes Oliveira, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Coelho e Alexandra Vieira
- 136 acta 7
A Quinta das Rosas (Fornos de Algores): expressão de matrizes prévias do povoamento da Pré-História Recente durante o Bronze Final
António Carlos Valera
- 151 acta 8
Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva
Sofia Figueiredo e Manuel Valério Soares de Figueiredo

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação Científica da Sessão

André Tomás Santos, João Muralha, Jorge Sampaio

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Jorge Sampaio

Autores

Alexandra Vieira, Ana Margarida Vale, André Tomás Santos, António Carlos Valera, António Martinho Baptista, Dalila Correia, Emílio António Pessoa Mesquita, Gonçalo Coelho, Isabel Figueiral, João Muralha, Jorge Davide Sampaio, José António López Sáez, Leonor Sousa Pereira, Lídia Baptista, Lurdes Oliveira, Manuel Valério Soares de Figueiredo, Mário Reis, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Sofia Figueiredo, Sónia Marques Gabriel, Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, Thierry Aubry

Gestão Editorial

Setepés.Arte

Revisão de Textos

André Tomás Santos

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

???

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Legal

Tiragem

1000 Exemplares

Resumo

O sítio do Fariseu corresponde a uma reentrância na base da vertente que marca o limite da praia aluvial dum meandro do rio Côa, actualmente submerso pela albufeira da barragem do Pocinho. Dois abaixamentos temporários do nível da água desta represa sobre o Douro (que influencia os 8 últimos quilómetros do Côa) em 1999 e 2005, permitiram realizar sondagens em terrenos normalmente submersos. A intervenção inicial permitiu, pela primeira vez, a observação duma superfície rochosa profusamente gravada, recoberta por uma sequência de depósitos que continham vestígios atribuíveis tecno-tipologicamente ao Paleolítico superior. As datas obtidas pelo processo TL confirmaram tal atribuição, testemunhando a frequência humana do sítio entre 18.400 e 11000 B.P.

O estudo geológico dos sedimentos, a posição e sobreposição das gravuras recobertas por depósitos aluviais indicam um *terminus ante quem* de 15.000 BP para a realização das manifestação gráficas deste painel.

A intervenção efectuada em 2005 permitiu precisar o referencial estilístico regional esboçado em 1999 com a descoberta de fragmentos de paredes com impactos isolados nos níveis da base da sequência. Tal facto permitiu recuar a data mínima de 15000 anos, definida anteriormente, para a gravação da superfície rochosa e a descoberta de novos vestígios de arte móvel (mais de 50 plaquetas) localizados na totalidade da espessura da unidade 4. A conservação de restos de fauna nesta mesma unidade, localizada num depósito aluvial e só numa das duas áreas escavadas do sítio, forneceu dados únicos para reconstituir a fauna caçada e a sazonalidade de captura dos peixes, para o fim do último Pleniglacial do interior peninsular. O resultado de uma datação por radiocarbono sobre um dos ossos recolhidos permitiu confirmar a fiabilidade dos resultados obtidos pelo processo TL e precisar a cronologia da ocupação do Magdalenense final que corresponde à rica actividade artística sobre suporte móvel. As matérias-primas, cadeias operatórias e os objectivos da produção da indústria em pedra lascada recolhida no sítio do Fariseu são semelhantes aos conjuntos de outros sítios da região.

palavras-chave: Arte rupestre; Paleolítico superior; Cronologia; Placas decoradas; Restos de fauna.

O sítio de Fariseu localiza-se na margem esquerda do Rio Côa, a cerca de 5 quilómetros da sua confluência com o Douro, a meia distância entre os conjuntos de gravuras de Piscos, a montante, e de Vale da Figueira a jusante. O sítio corresponde a uma reentrância na vertente de cerca de 45° de inclinação, no limite do domínio aluvial (fig. 1).

A existência do sítio arqueológico é conhecida deste 1995, onde as prospecções efectuadas a partir dum barco durante a campanha de levantamento das gravuras da Canada do Inferno evidenciaram duas rochas gravadas que foram incluídas, com a denominação “conjunto de gravuras do Fariseu”, na lista dos sítios que constam no processo de classificação dos sítios de arte do Vale do Côa (Zilhão, 1997).

O abaixamento do nível da água da albufeira do Pocinho, iniciado na primeira semana de Dezembro de 1999, com o objectivo de proceder a obras na ponte internacional de Barca d’Alva, atingiu a cota mais baixa no dia 5. Aproveitando esta oportunidade, foi decidido encetar, de forma célere, uma verificação dos terrenos normalmente submersos por aquela

acta 1

Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio

Thierry Aubry e Jorge Sampaio
(IGESPAR, I.P.Parque Arqueológico do Vale do Côa.)

O sítio e os trabalhos realizados em 1999

acumulação artificial de água. A análise da topografia da vertente, bem como a morfologia do meandro e as marcas de erosão preferencial na margem direita do Côa (oposta ao sítio), autorizaram uma primeira abordagem arqueológica do sítio, com base na realização de uma sondagem. O sector daquela unidade geomorfológica escolhido para intervenção situava-se próximo duma figura picotada que representa uma *cabra pirenaica*, detectada durante a referida campanha de 1995 e classificada sob a terminologia de *rocha nº1*.

Esta primeira sondagem permitiu, como se havia preconizado pelas indicações acima referidas, a exumação dos primeiros vestígios de pedra lascada no sítio. Por conseguinte os trabalhos foram ampliados para montante, onde a topografia actual distava menos de 10 cm do topo duma rocha gravada. O prosseguimento dos trabalhos permitiu observar, sob uma espessa camada de sedimentos recentes depositados em momentos posteriores à construção da barragem do Pocinho (UE 1), um conjunto de camadas arqueológicas que ocultavam um painel historiado disposto verticalmente e com as seguintes medidas: quatro metros de largura por dois de altura (Aubry e Baptista, 2000). Este suporte xistoso encontrava-se intensamente ornamentado (84 figuras gravadas, sobrepostas e com os traços não patinados), tendo sido levado a cabo o seu registo pelos técnicos do Centro Nacional de Arte Rupestre (Baptista, 2001). A frescura dos traços, de cor clara, contrastando com o fundo cinzento-escuro da rocha que aparecia sob os sedimentos, e a notável profusão de figuras eram complementadas por novidades ao nível do bestiário, como o surgimento da camurça e de auroques machos (Aubry e Baptista, 2000).

No nível de topo da UE 4 (UE4a), que cobria dois terços da superfície gravada do painel, foi identificada uma ponta de dorso curvo idêntica às encontradas em outros sítios finimagdalenenses do Vale do Côa e do Centro de Portugal (Aubry, 2002; Aubry e García Díez, 2000). Este dado permitiu pela primeira vez estabelecer objectivamente a relação estratigráfica directa entre depósitos que contêm vestígios do Paleolítico superior e gravuras conservadas em painéis rochosos ao ar livre. Por consequência, tal facto constituía a prova arqueológica da atribuição estilística ao Paleolítico das gravuras da rocha 1 e, por aproximação, de outras representações picotadas noutros painéis do Vale do Côa.

Posteriormente, foram efectuadas datações absolutas pelos métodos TL e OSL, sobre amostras de quartzo aquecido recolhidas nos níveis 4a, 4e, 5, 6 e 7 (Mercier *et al.*, 2006, fig. 2). Os resultados confirmaram a atribuição justificada a partir do conjunto de pedra lascada e estabeleceram pela primeira vez uma idade mínima de 14.500 anos BP para os motivos gravados da rocha 1 (Mercier *et al.*, 2006; Aubry *et al.*, n.p.; Aubry e Sampaio, n.p.).

As primeiras observações efectuadas durante a escavação, bem como a análise de laboratório das amostras de blocos de sedimentos efectuada por F. Sellami, estabeleceram um modelo geomorfológico que permite actualmente definir as possibilidades de conservação de sedimentos aluviais contemporâneos do fim do Paleolítico superior, a cotas superiores a 6 metros do nível actual do Côa, no limite do leito máximo de cheia e da parte baixa das vertentes do Côa. Esta localização que corresponde à maior concentração de rochas picotadas actualmente conhecida, permite augurar a existência de rochas cobertas por sedimentos aluviais e a possibilidade de conservação de níveis de ocupação humana no troço do Rio Côa situado a jusante do Fariseu.

Outra característica singular relativamente ao sítio do Fariseu deve-se ao facto de aqui, na adjacência do painel gravado, terem sido recolhidas as duas primeiras placas de arte móvel com motivos figurativos conhecidas no vale, associadas a vestígios de pedra lascada (García Díez e Aubry, 2002).

Como resultado do constrangimento relativo ao tempo disponível para a intervenção efectuada em 1999 – e, por consequência, do carácter restrito da área escavada – algumas questões, essenciais, ficaram em aberto:

- A determinação exacta e não mínima da cronologia das fases erosivas que afectam os depósitos pleistocénicos;
- A Reconstituição dos processos e a história da evolução topográfica do topo das diversas unidades estratigráficas, à escala da totalidade do sítio e da bacia hidrográfica;
- O Estabelecimento, na sequência conservada, do “nível de chão” a partir do qual (ou dos quais) as gravuras foram realizadas.

Estas irresoluções e o facto das observações de F. Sellami não terem sido realizadas *in situ* durante a intervenção (mas obtidas posteriormente numa análise microscópica das amostras de solo recolhidas em 1999), motivaram a realização de sondagens geofísicas com a ajuda dum sonda de solos em Setembro de 2004. Os resultados obtidos indicaram uma forte probabilidade das camadas que contêm os vestígios das ocupações do Paleolítico poderem prolongar-se para montante da área da sondagem efectuada em 1999, ao longo de 30 metros e numa largura de pelo menos 10 metros ao longo da vertente. Estas observações indicavam também a necessidade dum novo abaixamento do nível da albufeira do Pocinho a uma cota mínima de 123 metros, para permitir a escavação e uma manutenção dos cortes.

Os trabalhos decorreram entre os dias 19 de Setembro e 14 de Outubro. Participaram nos trabalhos, além da equipa permanente do P. A. V.C. (Jorge Davide Sampaio, António Pedro Batarda, Luís Luís e Carla Magalhães) e do C.N.A.R.T. (Mário Rui Reis Soares, Rosa Catarina Jesus Jardim, Dalila Susana Correia), Ana Cristina Araújo, José Paulo Ruas, Fernando Gonçalves (IPA), Bruno Figueira (Instituto Politécnico de Tomar) Cristina Gameiro (UA), Henrique Matias (UL) e Laurent Klaric (C.N.R.S, U. Paris 10).

Na totalidade da área onde as sondagens geológicas e geofísicas tinham definido que a conservação de níveis de ocupação do Paleolítico Superior era possível, só dois sectores foram escavados durante a campanha realizada entre os dias 19 de Setembro e 14 de Outubro de 2005 (fig. 3). O primeiro localiza-se a cotas mais altas e na continuação da sondagem de 1999, o segundo no limite mais a montante do sítio.

Constatando a impossibilidade de fazer chegar uma retro escavadora, em consequência da forte inclinação da vertente e a não consolidação dos sedimentos finos em curso de deposição pela albufeira do Pocinho, as camadas 1 e 2 (de formação recente) e 3 (estéril), foram escavadas à pá e picareta e os terrenos removidos não foram crivados. Os sedimentos das camadas 4 a 7, de idade Pleistocénica, escavadas nas duas áreas abertas, foram integralmente crivados a água com uma malha de 2 mm.

A detecção de novas gravuras na superfície de fractura que constitui a continuação da rocha 1 (fig. 4), no quadrado I-107, implicou uma atenção redobrada durante a escavação dos sedimentos em contacto com a rocha. Por conseguinte, com o objectivo de não danificar a rocha, aqueles foram retirados com auxílio de pequenas espátulas de madeira, e a superfície gravada não foi lavada antes da observação e do registo, (realizado no final da escavação por F. Barbosa do CNART).

Objectivos da intervenção realizada em 2005

Metodologia da intervenção

A remoção da totalidade dos sedimentos das unidades 4 a 8 foi efectuada com aquele material não destrutivo, com o objectivo de não danificar as plaquetas nelas embaladas. Todas as placas, seixos e lajes exumadas foram, após terem sido localizadas, sistematicamente lavadas a água com auxílio de uma escova de dentes (de rigidez reduzida) e imediatamente examinadas por Mário Rui Reis Soares, Rosa Catarina Jesus Jardim e Dalila Susana Correia, do CNART. No caso da detecção de traços incisivos os suportes móveis eram registados tridimensionalmente (X, Y e Z).

A deslocação de Farid Sellami ao sítio, entre os dias 9 e 12 de Outubro, permitiu a análise *in situ* dos cortes evidenciados e a recolha de um novo bloco de sedimentos que será objecto duma análise em lâmina delgada.

Resultados

1. Conhecimento da sequência e dos processos sedimentares

1.1 Ampliação da área intervencionada em 1999

A escavação da área adjacente à escavada em 1999 permitiu confirmar as subdivisões, descontinuidades erosivas e unidades estratigráficas definidas anteriormente, bem como observar a sua evolução ao longo e perpendicularmente à vertente. Não foram observados novos conjuntos sedimentares relativamente aos definidos em 1999 (fig. 5).

Descrição das camadas:

Unidade estratigráfica 1

Divide-se em duas subunidades: A e B. É constituída por aluviões areno-siltosos resultantes da subida do nível do Côa devido à construção da barragem do Pocinho no Vale do Douro (B) e da ensecadeira que foi construída em virtude da prevista barragem do Baixo Côa (A). A observação da espessura dos sedimentos finos de natureza aluvial depositados posteriormente ao abandono duma garrafa de plástico com data impressa de 1999 permitiu avaliar a alta taxa de deposição devida à obstrução da galeria de derivação e protecção de cheias do projecto abandonado no baixo Côa.

Unidade estratigráfica 2

Contém grandes blocos de xisto, em alguns casos com traços metálicos, embalados no mesmo sedimento descrito na camada 1, provavelmente acumulado por percolação. O corte perpendicular à vertente mostra a existências dum canal erosivo preenchido por blocos na base deste conjunto que possui um limite erosivo de limite nítido com o subjacente;

Unidade estratigráfica 3

Foi observada em todos os quadrados abertos nesta área. A existência de níveis de sedimentos finos de cor castanha, observada nos quadrados escavados em 1999 foi confirmada. A topografia do seu topo revela uma erosão em canal, preenchida pela unidade 2. A camada, de estrutura granular, é constituída por sedimentos de textura arenosa fina e siltosa, depositados num processo aluvial de baixa energia, de tipo limite de cheia;

Unidade estratigráfica 4

Está separada do conjunto posterior por uma descontinuidade erosiva. Não foi possível distinguir os níveis (a, b e c) definidos em 1999 com base na densidade de plaquetas numa matriz de aluviões finos. Não obstante, a existência dum nível de plaquetas (nível 4e) separadas deste conjunto por um nível estéril foi confirmada (fig. 5). O topo desta unidade

(equivalente à 4 a/c de 1999) foi escavada em 11 unidades artificiais e as cotas do topo de cada uma foram documentadas;

Unidade estratigráfica 5

De estrutura granular e textura fina, depositada por processo aluvial. É estéril em plaquetas de xisto e em vestígios arqueológicos;

Unidade estratigráfica 6

Não apresenta uma variação de textura e estrutura relativamente à sobrejacente, mas contém lajes de xisto (C6a). Os níveis mais ricos em sedimento argiloso ou siltoso de cor castanha (6b), observados a cotas inferiores em 1999, não foram detectados na área escavada em 2005. Na área intervencionada a sua distinção da unidade 7, baseada na existência duma canaça aluvial na área mais baixa da sondagem de 1999, é difícil na banda I e impossível a partir da banda H;

Unidade estratigráfica 7

Escavada nos quadrados G/I-15/107. É constituída por fragmentos de xisto de arestas alteradas contidos numa matriz arenosa;

Unidade estratigráfica 8

É menos rica em elementos de xisto, mais argilosa e contém pequenos seixos de quartzo e quartzito;

A observação do corte no sentido da melhor inclinação da vertente revela a continuidade da espessura da unidade 4, ao longo da vertente, embora este conjunto seja mais marcado pela fase erosiva anterior à deposição da unidade 3 (particularmente evidente abaixo do quadrado J). Uma diminuição, em bisel, da espessura da unidade aluvial 5 aparece nitidamente no sentido da subida na vertente, entre as bandas H e I (fig. 5).

A escavação permitiu objectivar a relação estratigráfica destas unidades sedimentares com os motivos da parede gravada. Os dois caprínios são recobertos pela unidade 4 mas não foi possível estabelecer uma relação mais precisa que a estabelecida na sondagem de 1999 de sobreposição da base de algumas figuras pelas unidades 6 e localmente com o topo da unidade 7.

A escavação da área não ocupada pelo afloramento rochoso no quadrado G-104 permitiu evidenciar uma nova superfície gravada inteiramente recoberta pelas unidades 1 à 3 e parcialmente pelo topo da unidade 4 (fig. 6).

A data avançada de descoberta deste painel no tempo disponível para a intervenção, a obrigatoriedade de abrir pelo menos mais um metro na banda 103 (de forma a poder levar a cabo o registo das gravuras deste novo painel) e a alteração observada na superfície da rocha 1 após a escavação realizada em 1999, foram os argumentos para não iniciar os trabalhos de “libertação” do painel durante esta campanha.

1.2 A delimitação do sítio

Foi realizada uma sondagem a cerca de 30 metros para montante da sondagem de 1999. A escavação até à unidade 7, nos quadrados E/F-80 e E/F/G/H-81, e até ao afloramento no

quadrado E-80, mostraram que a sequência sedimentar apresenta a mesma sucessão de unidades estratigráficas nas duas áreas, com pequenas variações ao nível das unidades 5 e 6 (definidas em 1999) e na área mais baixa da sondagem anterior (fig. 7).

Observaram-se fortes variações laterais e longitudinais na espessura dos níveis aluviais ou ricos em plaquetas no meio da unidade 4 (fig. 7). Neste conjunto foi detectado um nível arenoso, de cor castanho-escuro, e cerca de 5 cm de espessura, aparentemente mais rico em matéria orgânica. Aparece em posição mediana ou basal na unidade 4, em função da morfologia do topo da unidade 7. Esta unidade, que não foi detectada em 1999, e a outra área de sondagem, (a única que contém os restos de fauna), foram objecto de recolha de amostras para análise micromorfológica.

Durante a escavação foram observadas algumas plaquetas fracturadas, com os elementos ainda em contacto, que indicam prováveis movimentos de deslizamentos verticais em função da topografia irregular do afloramento em patamares.

Estes novos dados obtidos a partir da observação das sequências evidenciadas nos dois limites da área onde os depósitos pleistocénicos estão potencialmente conservados permitem estabelecer os seguintes dados:

- A existência dos mesmos conjuntos estratigráficos e subdivisões relativas às componentes aluviais e coluviais a cotas equivalentes e ao longo dos 30 metros de extensão do sítio;
- O peso das componentes aluviais, coluviais e antrópicas ao longo do tempo e do espaço;
- A ausência ou espessura reduzida das unidades 5 e 6 na área 80/81,
- Avaliar a taxa de sedimentação dos sedimentos aluviais, desde a construção da barragem do Pocinho em 1976 e da ensecadeira do projecto da barragem de Foz Côa em 1994;
- As sequências das fases erosivas anteriores à deposição da camada 2, durante a deposição da camada 3 e durante o Paleolítico superior. O topo da camada 7 foi provavelmente afectado por um momento erosivo antes da deposição da camada 6. Estas truncaturas possuem uma inclinação mais forte do que os conjuntos aluviais e de ocupação humana, diferença bem visível no corte paralelo à rocha gravada;
- A observação dum nível rico em matéria orgânica nas bandas 80 e 81 (que pode estar relacionado com uma actividade humana específica levada a cabo nesta área e/ou pela posição na vertente onde os depósitos estão protegidos da erosão aluvial por um afloramento rochoso ligeiramente a montante) e a proximidade duma linha de água a montante que deve ter funcionado como escoamento preferencial das águas superficiais provenientes da vertente.

2. Os vestígios arqueológicos recolhidos durante a intervenção

2.1 Industria lítica

Inventários

Nas áreas 104/107 e 86/87 foram recolhidas respectivamente 2009 e 2115 peças de pedra lascadas (fig. 8 e Quadro 1).

Foram utilizadas no total quatro matérias-primas líticas: o cristal de rocha, o quartzito, o quartzo cinzento, e as variedades de sílex definidas em trabalhos anteriores (Aubry e Mangado Llach, 2006). As categorias tecnológicas em questão são os blocos (seixos ou fragmentos de filão), as lascas, as lascas corticais (mais de um terço da superfície), as lamelas, as esquirolas (com menos de 1 cm), os fragmentos indeterminados, e os termoclastos.

área 104/107	pedra lascada	área 86/87	pedra lascada
UA	PL	UA	PL
1	7	1	1
2	70	2	24
2//3	2	3//4	2
3	39	4C/1	101
4//1	120	4B	18
4//2	158	4 base	76
4//3	85	4//1	390
4//4	117	4//2	281
4//5	134	4//3	356
4//6	138	4//3-4	3
4//7	159	4//4	388
4//8	140	4//5	378
4//8-9	19	4//7	7
4//9	247	7	70
4 base	41		20
5	162		
5//1	98		
6	51		
6//2	32		
6//2	58		
7	31		
8	101		
total	2009	total	2115

quadro 1 Inventário dos vestígios de pedra lascada

Reconstituição dos processos sedimentares e avaliação dos movimentos pós-deposicionais

A repartição dos vestígios recolhidos nas unidades artificiais dos quadrados G/I-104/107 (fig. 8) em função da densidade indica a existência de vestígios ao longo de toda a espessura da sequência (com uma densidade mais baixa nas unidades 5/8) e de dois picos de maior densidade no topo e na base da unidade 4 (a/c):

Numa primeira fase de análise, a remontagem entre elementos lascados e termoclastos foi testada na totalidade dos vestígios em quartzito provenientes da sondagem realizada em 1999 e das duas sondagens efectuadas durante a campanha objecto deste relatório.

A taxa de remontagens é extremamente reduzida na área G/I-104/107 com 11 elementos remontados num universo de 349 vestígios. As raras remontagens entre elementos correspondem a:

- Materiais provenientes da camada 4, deslocados na base da camada 2 ou da camada 3,
- Materiais da unidade C4c da intervenção de 1999 (equivalente às unidades 4 e 9 da campanha de 2005)

Esta observação, baseada na repartição por categorias de volumes, bem como no claro défice de elementos de pequeno módulo, pode ser explicada por uma melhor estabilidade dos

elementos mais pesados (que foram preferencialmente preservados da erosão) ou, ao invés, por uma maior deslocação, em função do peso, a partir de uma possível ocupação situada a cotas mais altas na vertente (fig. 8). A escassez da área escavada inviabiliza a decisão entre ambas as hipóteses.

Na área E/H-80/81 a taxa de remontagem é ligeiramente superior (12 elementos para um total de 177 em quartzito) entre elementos de pequeno módulo, provenientes da unidade 4 (núcleo e lasca de F-80 4/4, 4 lascas pequenas provenientes de E-81 4/3, uma lasca queimada F-81 4/2 e uma lasca não queimada E-80 4/5, um núcleo F-81 4base, uma lasca E-80 4/4, 2 termoclastos C-81 4/1 e G-81 4/4). Uma única remontagem poderá indicar os seguintes dados: uma deslocação importante ao longo da vertente; uma variação da espessura da U.E. 4; a existência dum limite da influência aluvial (entre os quadrados C-81 e G-81 e entre a base e o topo da Unidade 4).

Esta primeira análise da repartição por volume e das remontagens entre vestígios líticos indica já uma discrepância nos processos de conservação e de deslocação pós-deposicional dos vestígios nas duas áreas escavadas (fig. 9).

Dados tipo-tecnológicos

Neste conjunto de vestígios líticos foi isolado um total de 54 utensílios retocados, provenientes das diversas unidades artificiais da unidade estratigráfica 4. Nos conjuntos líticos talhados recolhidos nas unidades subjacentes da sequência estratigráfica não foi detectado nenhum elemento retocado.

Aqueles podem ser apartados em duas categorias tipológicas:

A primeira é constituída por utensílios microlíticos (barbelas, num total de 14 exemplares) (fig. 10) confeccionados sobre lamelas ou esquirolas em quartzo translúcido (n.º 12, 7 e 13), quartzo cinzento (n.º 3), cristal de rocha (n.º 5, 8, 10 11 e 14) ou sílex (n.º 1, 2, 4, 6 e 9).

Tipologicamente estes utensílios podem ser integrados nas categorias de pontas de dorso curvo, pontas de dorso e lamela de retoque marginal. Apesar do efectivo reduzido desta classe de utensílios nas duas áreas, as mesmas categorias aparecem representadas em ambos os sectores. São peças recorrentes durante as fases finais ou superiores do Magdalenense em Portugal, devendo aqui recordar-se as barbelas recolhidas no conjunto 3 do Sítio da Quinta da Barca Sul, datado pelo processo TL entre 11.600 ± 1200 BP e 12.700 ± 1000 BP (Mercier et al. 2001, Valladas et al. 2001). Os suportes utilizados para a confecção destes utensílios, em cristal e quartzo de boa qualidade, correspondem à produção indicada pelos últimos negativos observados em alguns dos núcleos deste material descobertos no sítio (fig. 11, n.º3, 4, 5 e 6).

A segunda, dum total de 40 peças (19 nas unidades 4 a/c, 2, 4d e 1 na 4e da área G/I-104/107 e 18 na 4 na área 80/81) é constituída por lascas retocadas e raspadeiras em quartzo branco (fig. 12), algumas das quais foram obtidas a partir da transformação de grandes lascas corticais retiradas de seixos de grande módulo. O tipo de núcleos susceptíveis de fornecer lascas com o módulo correspondente não foram encontrados na área escavada, pelo que devem ter sido abandonados nos depósitos de seixos disponíveis a cotas mais baixas, junto do Côa, antes da submersão deste troço pela albufeira do Pocinho.

O elevado número de núcleos recolhidos indicam uma produção de pequenas lascas que foram transformadas ou abandonadas noutras áreas (fig. 11, n.º1 e 2).

Em conclusão, o material lítico das diversas unidades artificiais da U.E. 4 apresenta fortes semelhanças, do ponto de vista da tecnologia, da tipologia e do aprovisionamento de matérias-primas.

A comparação deste conjunto de utensílios retocados com os provenientes da U.E. 3 do sítio de Quinta da Barca Sul indica diferenças de grau tipológico e morfológico relativamente aos suportes dos utensílios sobre lasca, com uma forte representação do retoque inverso de grande módulo no caso do Fariseu e de tipo unguiforme, confeccionados sobre pequenas lascas de rochas siliciosas (de origem regional), na UE 3 da Quinta da Barca Sul.

As datas obtidas por TL para os níveis 4a, 4b e 4e do Fariseu (respectivamente, de 11.000 ± 1100 BP, 10.800 ± 1700 BP e 11.800 ± 900 BP) e as provenientes da Quinta da Barca Sul (11.600 ± 1.200 BP, 11.900 ± 1.100 BP e 12.700 ± 1.000 BP) (Mercier *et al.* 2001, Valladas *et al.* 2001) apresentam um desvio padrão que não permite definir se tais diferenças tipológicas são de natureza funcional ou cronológica.

As unidades 6, 7 e 8 escavadas nos quadrados G/I-104/107 forneceram um conjunto lítico pouco numeroso que atesta a realização de actividade de talhe durante esta ocupação. Todavia, o exame sistemático da totalidade dos restos recolhidos não permitiu detectar nenhum utensílio retocado. A abundância dos elementos mais pesados no conjunto (seixo e lascas espessas) é clara e não permite inferir uma explicação funcional a partir da ausência de lamelas e utensílios confeccionados neste tipo de suporte.

Durante a escavação foi detectada uma placa de xisto com o bordo denticulado. O estudo traceológico, realizado por M. Araújo, não revelou qualquer traço de uso conservado no bordo voluntariamente modificado (fig. 13)

2.2 Restos de fauna

A escavação na unidade 4, de 6 metros quadrados (E/F-80 e E/H-81) revelou a conservação de restos de fauna (cf. artigo da autoria de S. Gabriel, neste volume). Os 7 restos ósseos de peixes foram determinados por P. Bearez. Este estudo preliminar revelou a conservação de restos que pertencem a duas espécies: *Alosa Alosa* (Sável) e de *Leuciscus sp.* (Escalo) ou *Rutilus sp.* (Ruivaca). A presença da primeira espécie é particularmente importante como indicador de sazonalidade, por acusar o momento do ano onde foi, pelo menos, ocupado o sítio do Fariseu, considerando que este peixe marinho sobe ao longo dos rios entre os meses de Abril e Junho, com uma maior frequência entre Maio e Junho.

Foram enviadas várias amostras para obtenção de datas pelo processo ^{14}C .

A primeira, um dente determinado por S. Gabriel como sendo um incisivo inferior de camurça (dos raros restos de fauna recolhida no topo da unidade 7 no quadrado E-80,0) foi fotografada por J.P. Ruas (CIPA) e enviada para o Laboratório GEOCHRON, nos Estados Unidos. O resultado obtido de 8.930 ± 80 BP (GX-32147-MAS) não correspondeu às expectativas, entrando em franca contradição com o material arqueológico associado.

Uma segunda amostra – uma diáfise dum mamífero de espécie indeterminável – foi enviada para datação no Laboratório Beta Analytic (Florida, EUA). Após uma tentativa falhada de extracção do colagénio, sobre esta amostra de osso queimado proveniente do nível orgânico da unidade 4 (informação entretanto obtida do laboratório) foi decidido efectuar, antes de qualquer outra tentativa, uma análise do teor em azoto dos ossos recolhidos durante a

campanha de escavação. Esta análise foi efectuada no Instituto Tecnológico e Nuclear, por intermédio do Doutor Monge Soares. Consistiu na análise elementar EA-1110 CHNS-O sobre 3 ossos (F-80, 4/5, F-81 4/2 e F-80 4/5). Do conjunto, dois revelaram um teor em azoto superior a 0.4 %, facto que validou uma datação. Por conseguinte, a amostra F-81 4/2, com um teor de 0,93% em nitrogénio, foi enviada para datação pelo método AMS no laboratório Beta Analytic, tendo-se obtido um resultado de 10.510 ± 40 BP (Beta – 213130). O fragmento proveniente de F-80 4/5, com um teor de 0,42 % de azoto, foi enviado ao laboratório de Upsala (Suécia) e deu um resultado de 9.830 ± 130 BP (Ua-32645).

A equivalência dos dois resultados sobre osso com os obtidos em sítios que forneceram os mesmos tipos de pontas líticas, indica que o resultado sobre o dente de camurça está provavelmente ligeiramente subestimado e haverá uma infiltração desde a unidade 4, que se apresenta em contacto com a 7, nesta área da escavação. Estes dois resultados obtidos sobre osso, uma vez calibrados (Cologne Radiocarbene Calibration, respectivamente CalBP 11.317 \pm 222 e CalBP 12.454 \pm 176), estão em perfeito acordo com os das datações TL e OSL obtidos para a base da unidade 4 da sondagem realizada em 1999, e os resultados de 11.600 \pm 1.200 BP, 11.900 \pm 1.100 BP e 12.700 \pm 1.000 BP, obtidos pelo processo TL para a unidade 3 do sítio de Quinta da Barca, que contém o mesmo tipo de ponta de dorso curvo.

2.3. Arte móvel

A campanha de escavação realizada em 2005 permitiu a exumação de 66 plaquetas de xisto com traços, das quais podem ser destacadas algumas com motivos figurativos (fig. 14).

Uma primeira análise da repartição espacial das plaquetas gravadas (fig. 15) indica uma repartição vertical e horizontal homogénea na totalidade da área escavada na unidade estratigráfica 4, com uma densidade mais forte na sua metade inferior. Não obstante, será necessário efectuar uma análise pormenorizada dos processos de deslocação pós-deposicional dos elementos pétreos antes de se poder inferir algum significado cronológico a partir desta observação.

Os vestígios de arte móvel foram encontrados na totalidade da espessura da camada 4, em todas as suas subdivisões. Uma análise da sua repartição vertical, bem como a sua correlação com o mobiliário arqueológico, indicam, de acordo com as datas relativas ao fim do Tardiglaciar obtidas pelos métodos TL, OSL e C14, uma deposição durante o Dryas recente.

As representações consistem em traços não figurativos, signos e figuras animais (1/3 do efectivo total das peças), sobre placas de xisto roladas colectadas no leito do rio, ou, mais frequentemente, provenientes da desagregação das encostas. A abundância destes crioclastos neste nível sedimentar, poderá estar relacionada com o clima mais frio detectado na fase que antecede o Holocénico. As placas historiadas foram frequentemente quebradas, queimadas e mesmo usadas como percutor ou bigorna, após a gravação. Estilisticamente, as figuras apresentam paralelos com algumas das representações de rochas gravadas do Vale do Côa e do Douro.

Do ponto de vista das convenções estilísticas (fig. 14), as figurações em estudo pelo CNART, indicam a utilização maioritária da técnica da incisão, frequentemente múltipla, em sequências paralelas e em figuras zoomórficas (cervídeos, caprinos ou rupicaprinos). Um motivo que tanto pode ser interpretado como uma representação antropomórfica ou como uma representação de uma ave de rapina nocturna, vista de frente, constitui uma excepção.

As figuras são elaboradas a partir de um esboço geométrico do corpo, sem figuração do pormenor das extremidades das patas. Se a opção mais comum é o preenchimento do corpo e/ou das patas por traço múltiplo, existe uma linha de dorso com traço duplo, preenchido por pequenos traços paralelos (fig. 14, n.º 44).

No Vale do Côa, tais convenções encontram paralelos em pequenas figuras realizadas por traço inciso, nas rochas dos sítios da Vermelhosa, de Vale de Moinhos, Vale de Cabrões, Canada do Inferno e Penascosa, (Baptista e Gomes, 1995; Baptista e Gomes, 1997; Aubry, Luís e Sampaio, 2006).

Numa área da escavação onde não foi possível distinguir a unidade 7 da 8 (fig. 5), exumou-se um bloco de xisto que apresenta, no lado que corresponde a um vestígio de diáclase, dois impactos de morfologia triangular. Este artefacto não permite estabelecer uma associação directa com os traçados da rocha 1, mas, se aceitarmos a sua contemporaneidade com a fase de gravação da parede, indica que as gravuras poderão ser contemporâneas ou anteriores à deposição da unidade estratigráfica 7.

Duas outras plaquetas encontradas nas unidades estratigráficas 7/8, não apresentam motivos figurativos, mas indicam a existência de manifestações gráficas, realizadas por incisão sobre suporte móvel, numa fase de ocupação magdalenense de cronologia anterior ao Dryas III.

No dia 18 de Outubro, antes da subida do nível da água na barragem do Pocinho, os cortes em contacto com a parede gravada foram consolidados com uma parede de lajes de xisto, os cortes delimitados por plásticos e as duas sondagem preenchidas mecanicamente pelos sedimentos retirados das camadas 1 e 2.

A observação da superfície gravada permitiu constatar um contraste cromático entre o sector agora exumado e a restante rocha 1 que mostrava a deposição duma película alaranjada, provavelmente constituída por ferro oxidado em movimento nos depósitos que preenchiam a sondagem. Esta constatação implica:

- Uma determinação exacta da composição desta película e da origem do processo de deposição depois da remoção dos depósitos pleistocénicos,
- A elaboração duma estratégia para a conservação da superfície rochosa na eventualidade de nova intervenção que implique um contacto com o painel rochoso descoberto nesta campanha, no corte do quadrado G-104.

As duas sondagens efectuadas em 2005 na área imediatamente a montante da rocha 1 e no limite da pequena reentrância que corresponde ao sítio de Fariseu (a montante) revelaram a conservação de sedimentos aluviais e coluviais contemporâneos do Pleistocénico superior, numa área de mais de 400 metros quadrados e a relação de duas superfícies verticais gravadas com as unidades estratigráficas definidas à escala do sítio.

A densidade alta e homogénea de plaquetas de xisto gravadas, associada a ocupações do fim do Magdalenense nas duas áreas intervencionadas, permite avaliar o potencial efectivo desta categoria de vestígios na área total do sítio que constitui desde de já uma referência para a arte móvel do fim do Paleolítico superior, à escala da Península Ibérica.

Medidas de minimização do efeito da submersão

Balço da intervenção de 2005 e perspectivas

A descoberta dos primeiros restos de fauna pleistocénicos conservados num sítio de ocupação do Paleolítico superior da região e do interior peninsular (que permitem uma determinação das espécies de mamíferos, aves e peixes exploradas durante o fim do Tardiglacial na região), possibilita uma primeira reconstituição directa das modalidades de exploração dos recursos bióticos e a aplicação do método ^{14}C para uma determinação da cronologia das ocupações.

A definição mais pormenorizada das condições geomorfológicas favoráveis à preservação dos depósitos do Pleistocénico superior permite estabelecer a existência de rochas gravadas recobertas por sedimentos em certas condições geomorfológicas, no limite entre as vertentes e a planície aluvial, e propor um modelo preditivo do potencial de conservação de restos de fauna no sítio do Fariseu, e em sítios de ar livre que apresentam condições similares.

figuras

fig. 1 Planta de localização dos sítios mencionados no texto e contexto topográfico do sítio do Fariseu.

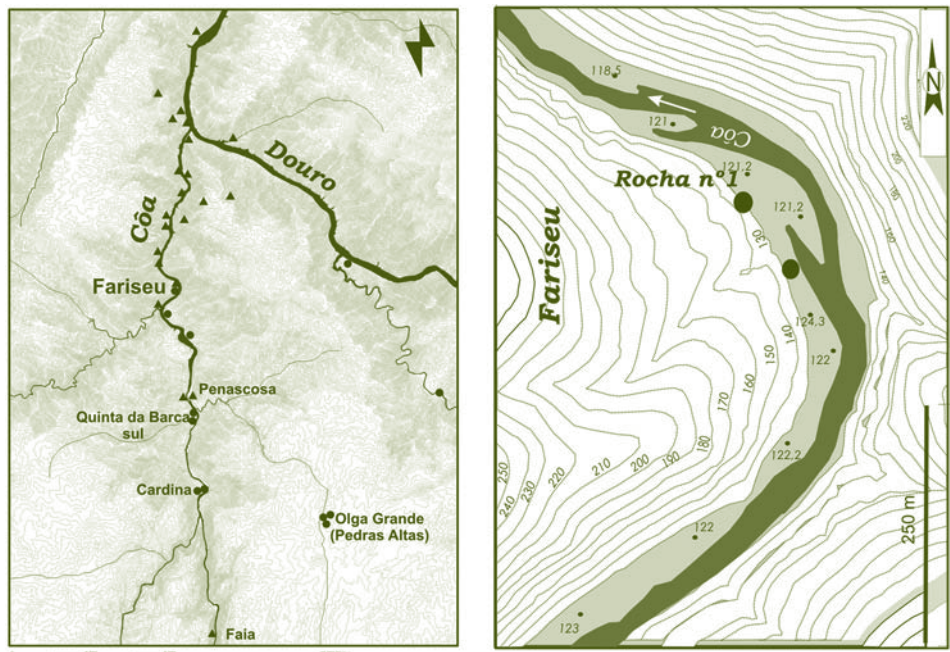
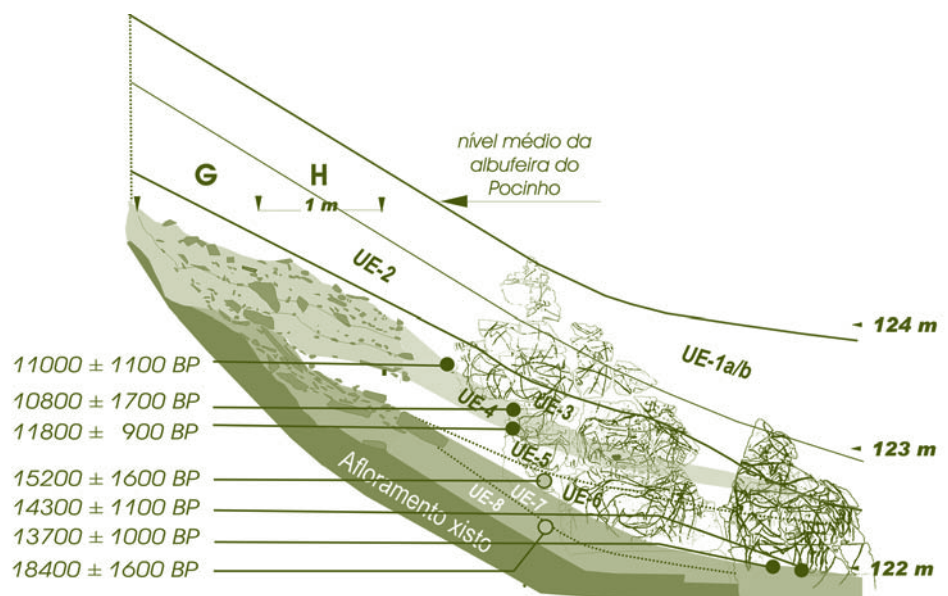


fig. 2 Posição estratigráfica das amostras datadas por TL (Mercier *et al.*, 2006) e dos sedimentos aluviais datados pelo processo OSL, em relação com as gravuras da rocha 1 do Fariseu. A sobreposição da base das gravuras pelos sedimentos e níveis que contêm os vestígios de ocupação durante o Paleolítico superior e a sequência da sobreposição das figuras indicam que a realização do painel corresponde a uma única fase gráfica, anterior à deposição dos sedimentos aluviais da unidade 5.



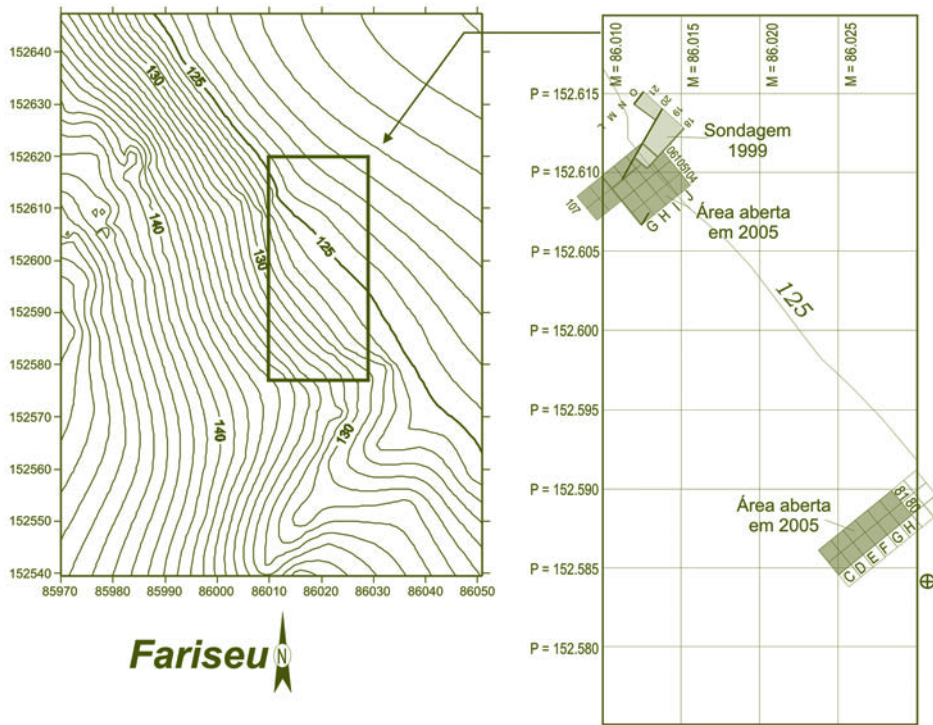


fig. 3 Planta topográfica do sítio de Fariseu (levantamento F. Gonçalves e Luís Luís) e localização das duas áreas escavadas durante a campanha de 2005.

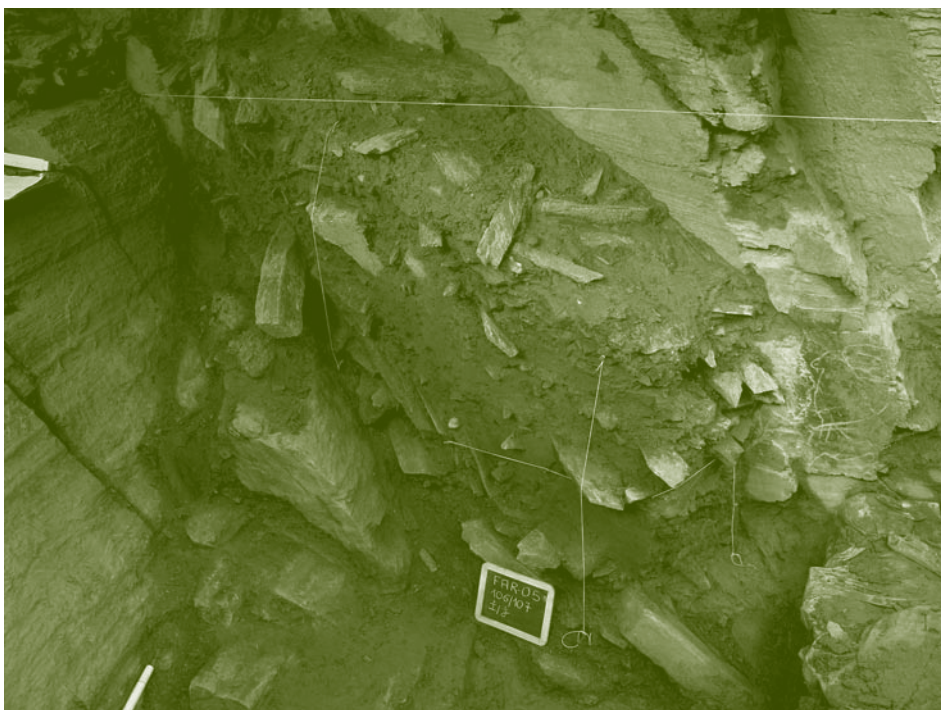


fig. 4 Localização das novas gravuras detectadas na superfície de fractura que constitui a continuação da rocha 1.

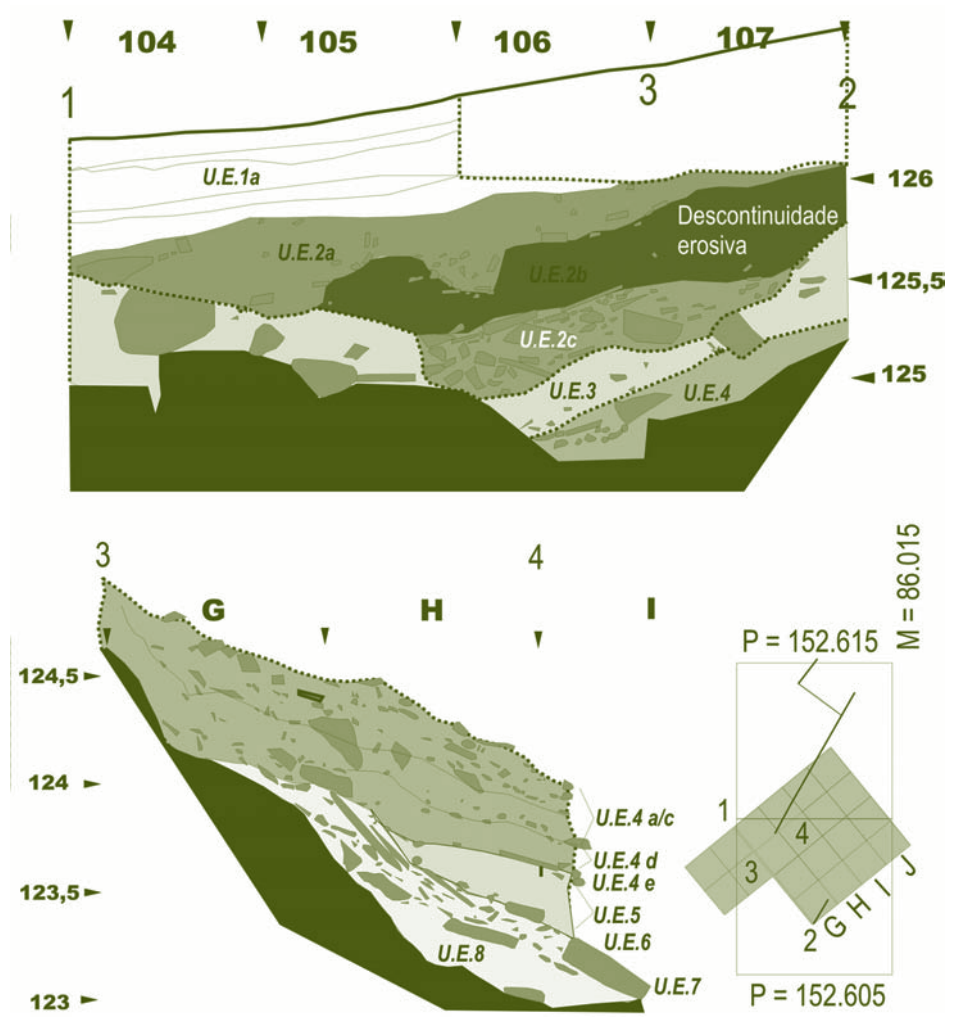


fig. 5 Cortes F/G-104/107 e 107/107-G/H nas unidades 2/8.

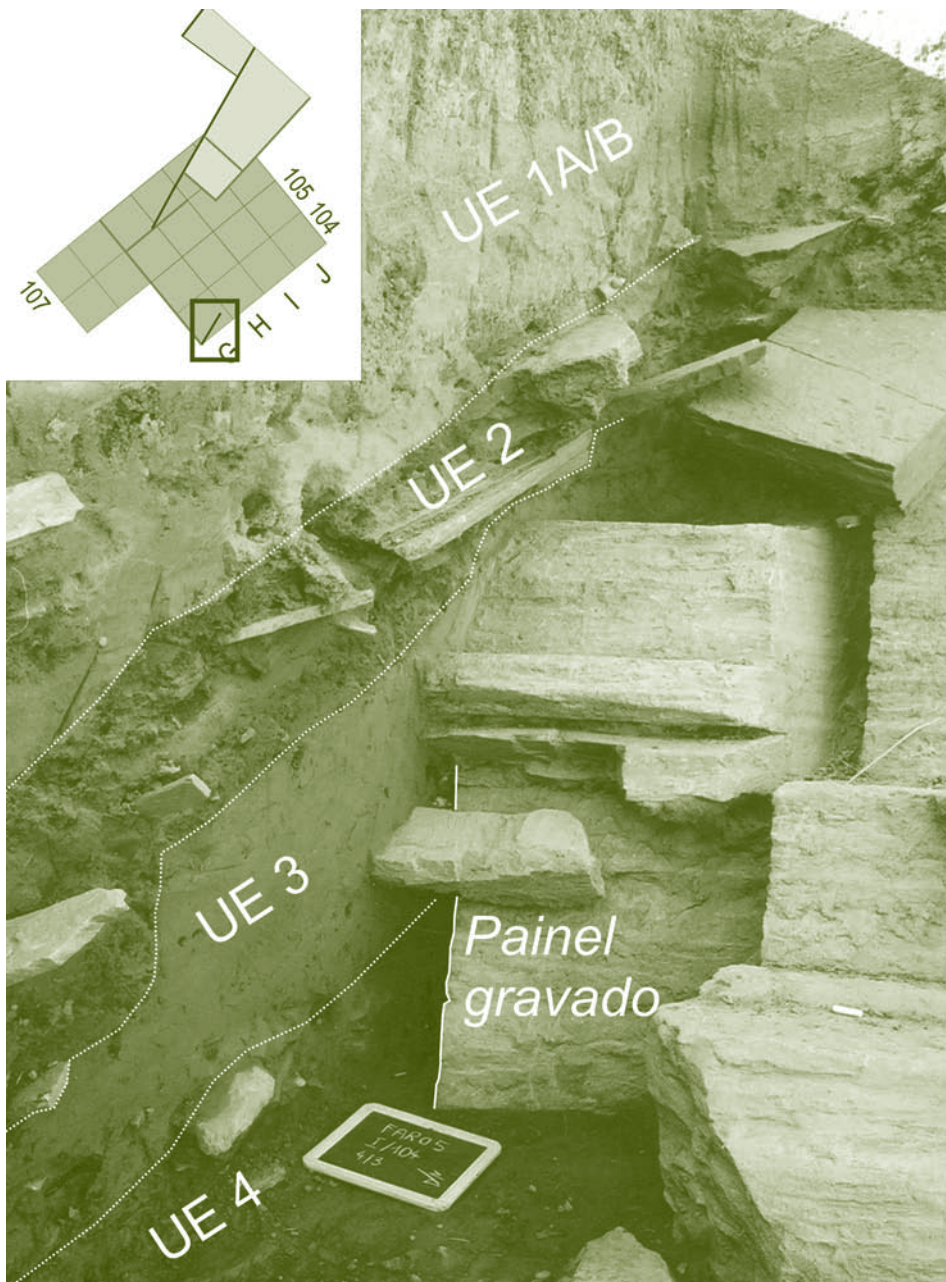


fig. 6 Nova superfície gravada detectada durante o prolongamento da escavação no sentido da vertente (quadrado G 104).

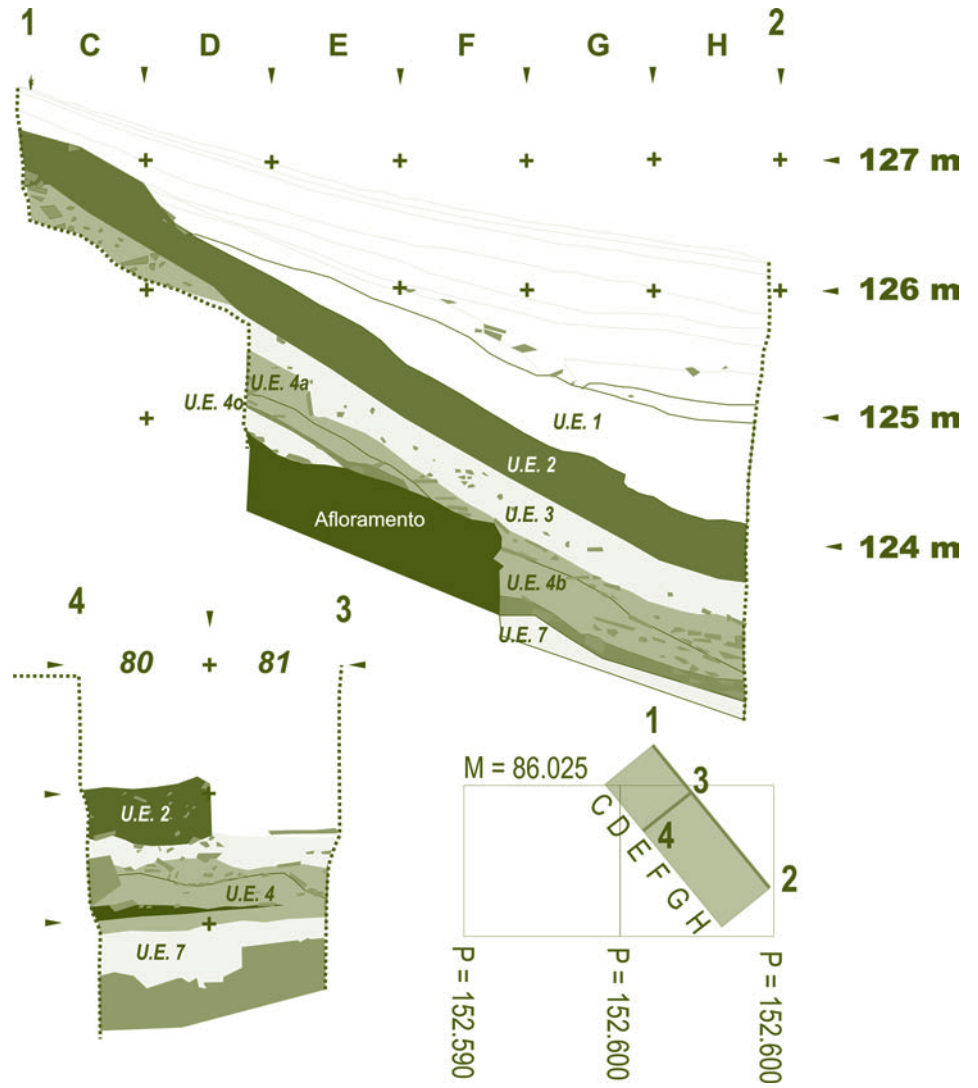


fig. 7 Cortes estratigráficos 81/82-C/H e D/E-80/81 nas unidades 1/7.

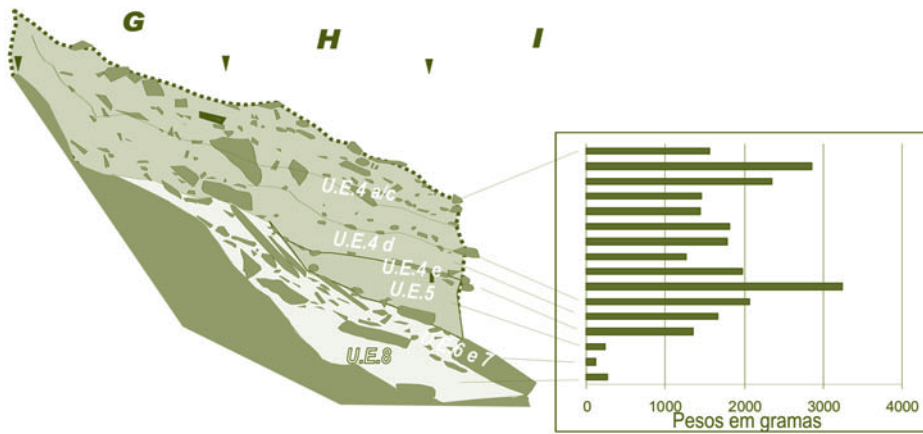


fig. 8 Repartição dos vestígios líticos, por peso e unidades artificiais na área G/I-104/107.

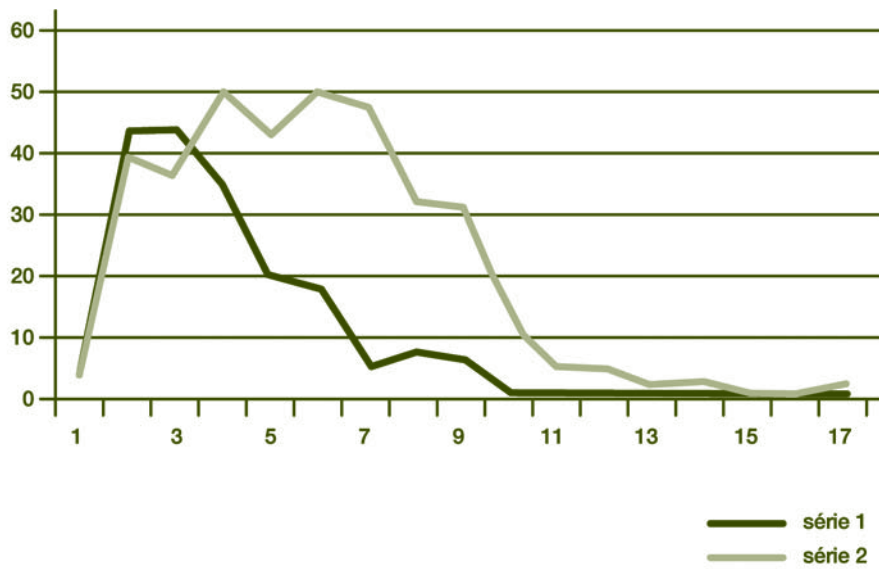


fig. 9 Repartição por classes (cm) dos vestígios em quartzito das duas áreas escavadas (série 1 = bandas 80/81, série 2 = bandas 104/107).

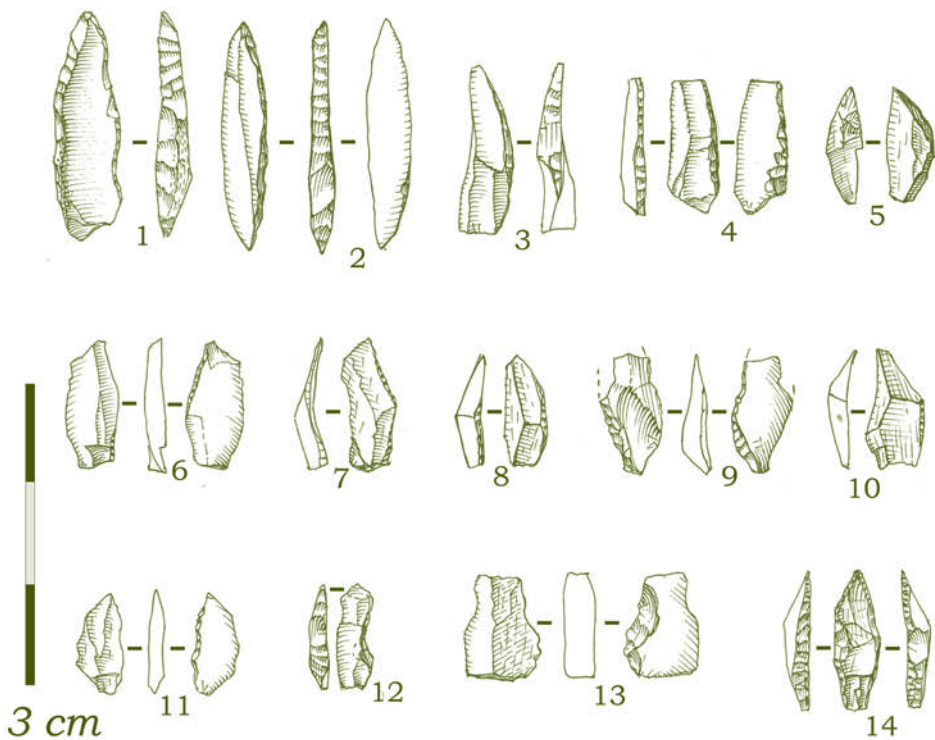


fig. 10 Utensílios sobre suportes lamelares da U.E. 4, nº1 (F-80, 4/4), nº3 (F-81 4/5), nº5 (F.80 4/4), nº9 (F-80 4/5), nº10 (E-81 4/4), nº11 (G-81 4base), nº13 (F-81 4c/1), nº2 (H-106 4/7), nº4 (G-106 4/6), nº6 (I-105 4/9), nº7 (G-106, 4d), nº8 (G-106 4/4), nº12 (G-106 4/7).

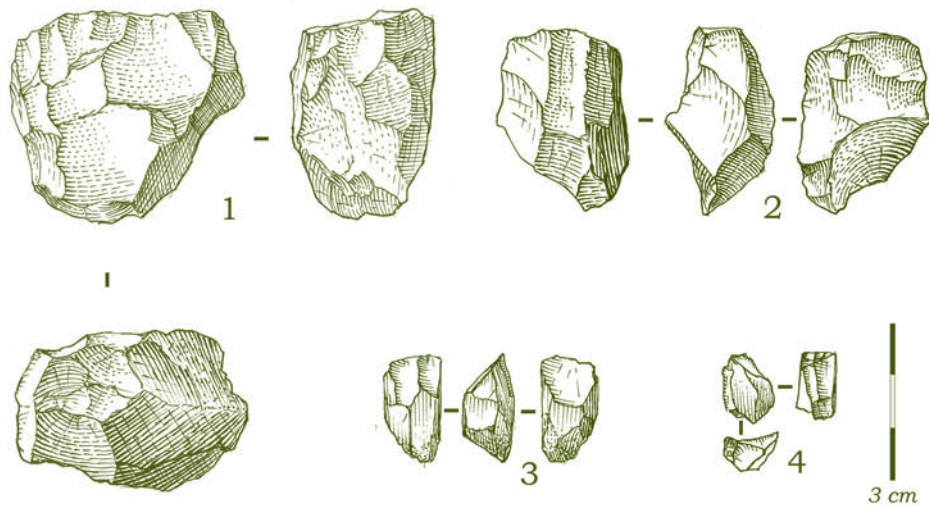
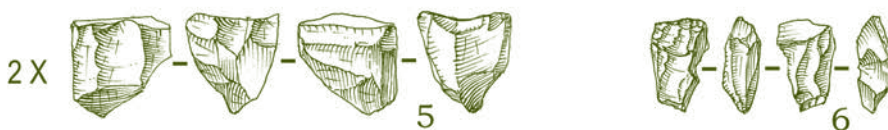


fig. 11 Núcleos em quartzo da U.E.4, nº1 H-81 4 base), nº2, (h-105 4/5), nº3 (G-106 4/3), nº4 (F-80 4/6), nº5 (H-105 4/9), nº6 (G-81 4/5).



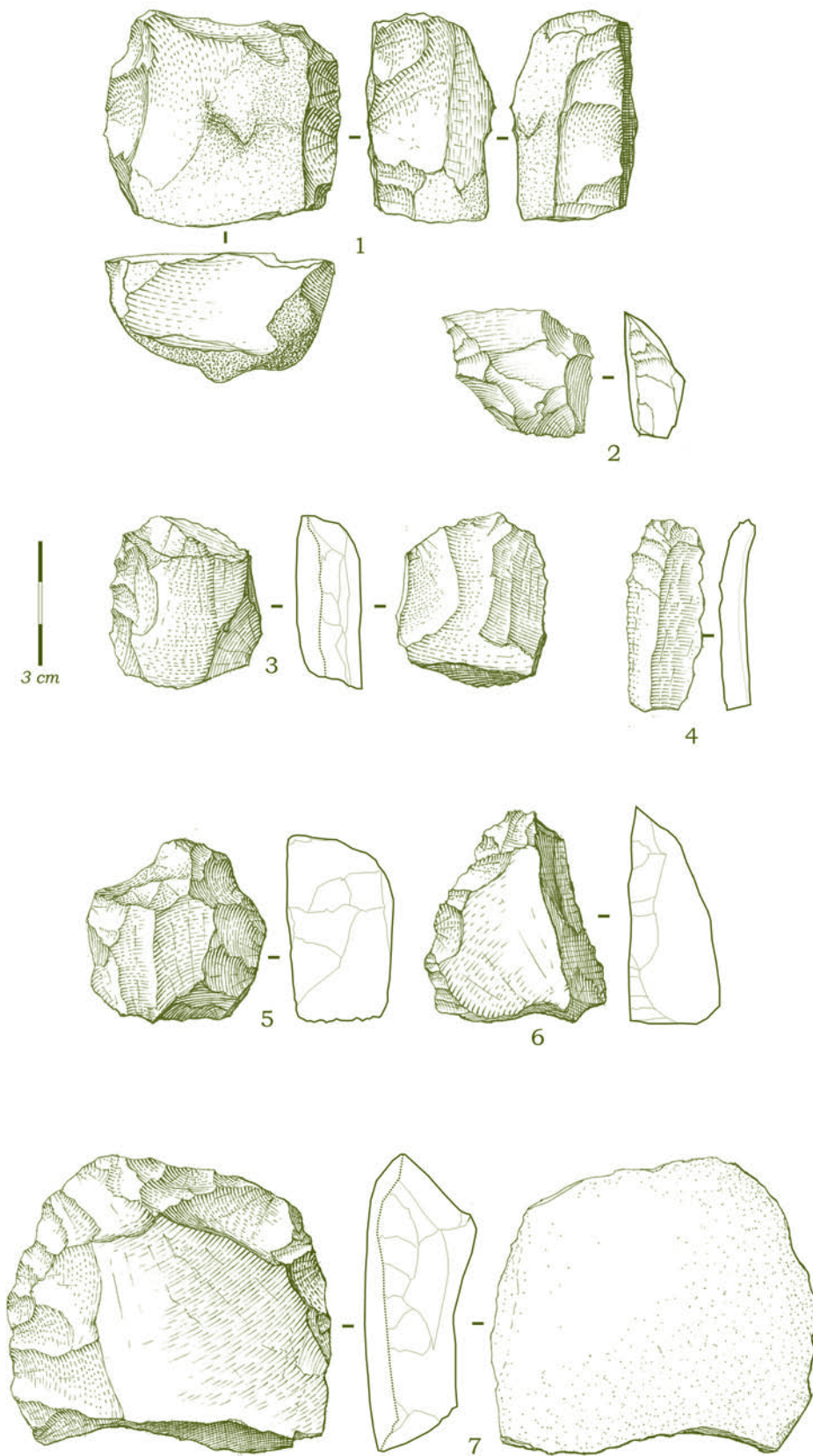


fig. 12 Fariseu U.E. 4, nº1 (H-106 4/3), nº2 (H-106 4/7), nº3 (H-106 4/7), nº4 (G-81 4 base), nº5 (H-81 4 base), nº6 (I-107 4/1), nº 7 (G-106 4/1).



fig. 13 Plaqueta de xisto com um bordo denticulado.

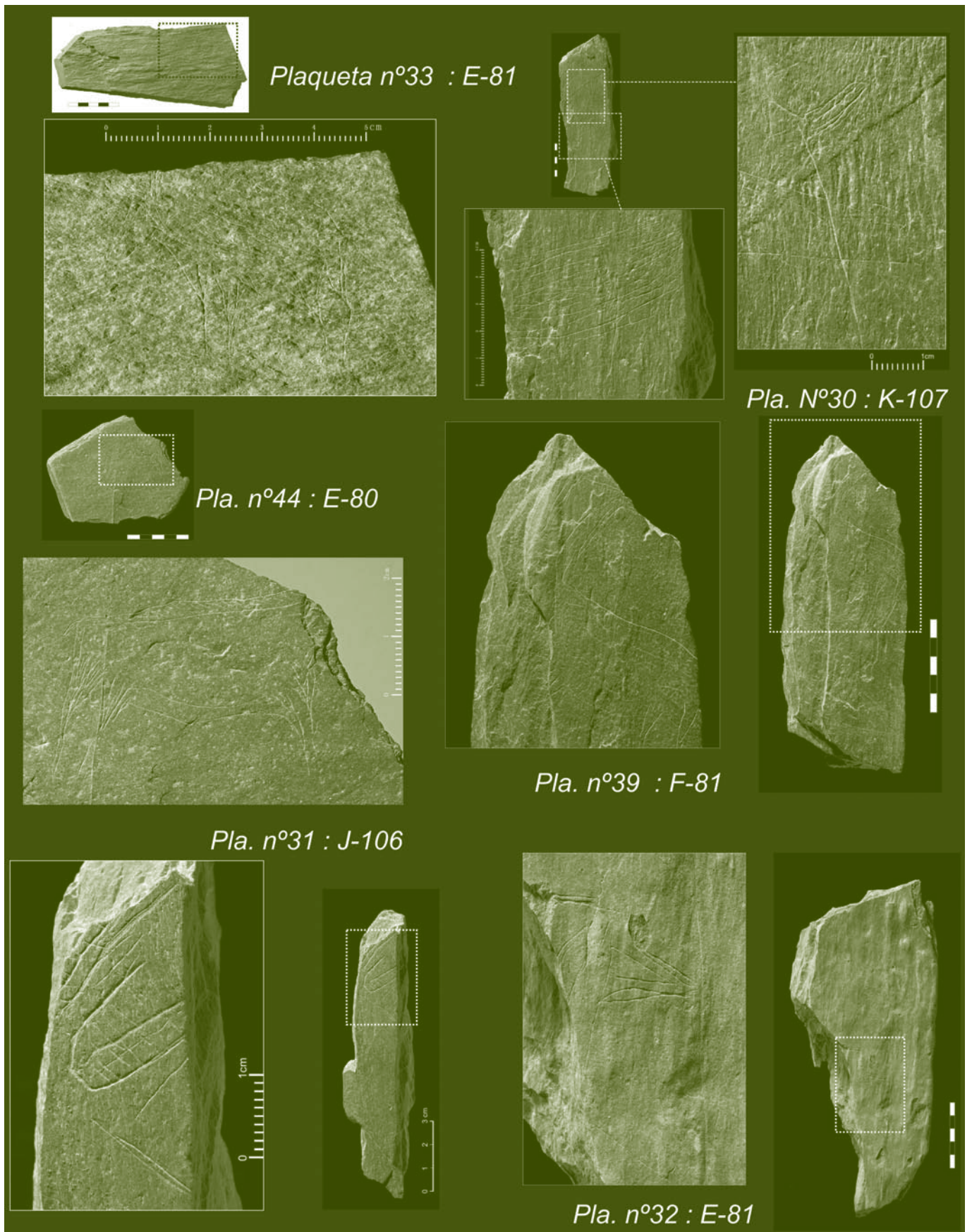


fig. 14 Exemplos de plaquetas de xisto gravadas de motivos zoomórficos ou geométricos recolhidos durante a campanha de 2005.

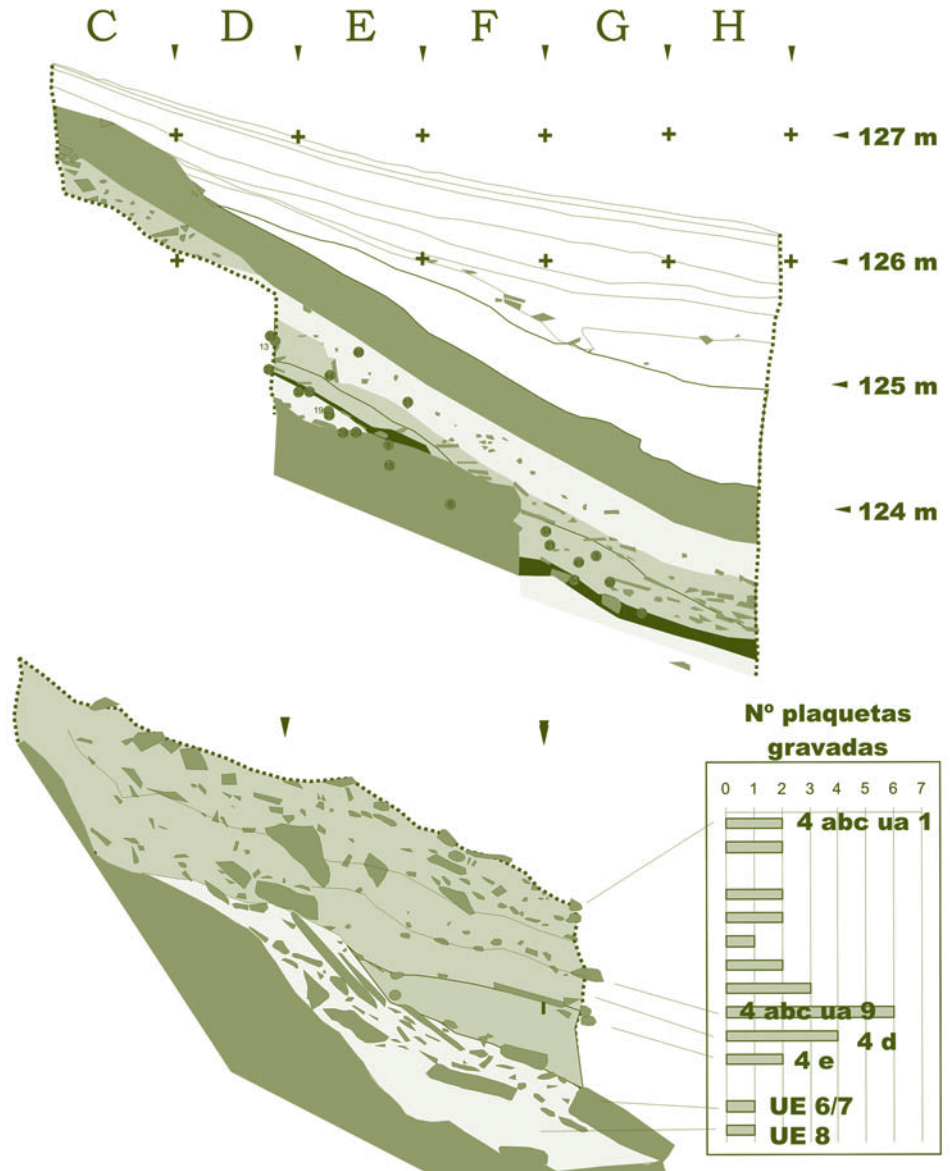


fig. 15 Repartição vertical (na unidade 4) das plaquetas gravada dos quadrados E/H da linha 81 nos quadrados G/I-104/107, nas unidades artificiais estratigráficas 4 até 8.

bibliografia

AUBRY, T. (2001) - L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. In ZILHÃO, J. ; AUBRY, T. ; CARVALHO, A. F., eds. - *Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique – Actes du Colloque de la Comissão VIII de l'UISPP*. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 17), p. 253 – 273.

AUBRY, T. (2002) - Le contexte archéologique de l'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In SACCHI, D., dir. - *L'art Paléolithique à l'air libre : le Paysage modifié par l'image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 Octobre 1999)*, GAEP e GÉOPRÉ, p. 25-38.

AUBRY, T. (2006) - Vallée du Côa – un art préhistorique unique. *Archéologia*. Dijon : Éditions Faton. 436, p. 62-71.

AUBRY, T. ; BAPTISTA, A.M. (2000) - Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série. 4, p. 54-55.

AUBRY, T. ; BICHO, N.F. (2006) - Le Paléolithique supérieur du Portugal. In NOIRET, P. ed. - *Le Paléolithique supérieur européen. Bilan quinquennal 2001-2006*. Liège: UISPP (ERAUL 115), p. 135-145.

AUBRY, T. ; GARCIA DIEZ, M. (2001) - Actualité sur la chronologie et l'interprétation de l'art de la vallée du Côa (Portugal). *Les Nouvelles de l'Archéologie*. Paris. 82, p. 52-57.

AUBRY, T.; LUIS, L.; SAMPAIO, J.D. (2006) - Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*. Almada : Centro de Arqueologia de Almada. 14, p. 48-52.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, J. (2006) - The Côa Valley (Portugal). From lithic raw materials characterization to the reconstruction of settlement patterns during the Upper Palaeolithic. In BRESSY, C. ; BURKE, A.; CHALARD, P. ; MARTIN, H., dir.. *Notions de territoire et de mobilité. Exemples de l'Europe et des premières nations en Amérique du Nord avant le contact européen. Actes de sessions présentées au X^o congrès annuel de l'E.A.A.* (Lyon, 8-11-09-2004), Liège: UISPP (ERAUL ; 116), p. 41- 49.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J.D. (n.p). - Chronologie et contexte archéologique des gravures paléolithiques de plein air de la vallée du Côa. In BALBÍN BEHRMANN; BAPTISTA, eds. - *Actas do Curso de arte rupestre al aire libre. Investigación, protección, conservación y difusión*. Salamanca.

BAPTISTA, A. M. (1999a) - *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/Centro Nacional de Arte Rupestre.

BAPTISTA, A. M. (1999b) - O ciclo quaternário do Vale do Côa. Com algumas considerações do método sobre estilos, valorização estética e crono-estratigrafia figurativa. In CRUZ, A. R.; OOSTERBEEK, L. eds. - *1^o Curso Intensivo de Arte Pré-Histórica Europeia*. Tomar: CEIPHAR (Arkeos 6: 2), p. 197-277.

BAPTISTA, A. M. (2001) - The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal). In ZILHÃO, J. ; AUBRY, T. ; CARVALHO, A. F., eds. - *Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique – Actes du Colloque de la Comissão VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 17), p. 237-252.

BAPTISTA, A. M.; GOMES, M. V. (1995) - Arte rupestre do Vale do Côa 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões. In JORGE, V. O., coord., *Dossier Côa*. Porto: SPAE (Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35: 4), p. 349-422.

BAPTISTA, M.; GOMES, M. V. (1997) - Arte Rupestre. In ZILHÃO, J. – *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura. p. 213-406.

GARCÍA DIEZ, M.; AUBRY, T. (2003) - Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 55, p. 157-182.

MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGET, L.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L.; AUBRY, T. (2001) - Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la vallée du Côa. In ZILHÃO, J. ; AUBRY, T. ; CARVALHO, A. F., eds. – *Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique – Actes du Colloque de la Comissão VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 17), p. 275-280.

MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORONS, J.L. ; REYSS, J.L. ; SELLAMI, F. (2006) - Fariseu: first confirmed open-air palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal) [em linha]. *Antiquity*. York. 80: 310. (consultado em 25 de Setembro de 2006). disponível em: <http://antiquity.ac.uk/ProjGall/mercier/index.htm>.

VALLADAS, H.; MERCIER, N.; FROGET, L.; JORONS, J.L.; REYSS, J.L.; AUBRY, T. (2001) - TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*. Pergamon: Elseviere. 20: 5-9, p. 939-943.